

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO IV

MELGAÇO, 15 de Março de 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 20

Nós não concordamos! Efemérides A ROMARIA DA PENEDA

e mais as outras..

VIII

Entre as grandes obras que Melgaço perdeu, contamos duas, cuja falta sentimos do coração: o colégio e a Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço. (Obra de cultura, uma, obra de arte e recreio, a outra, e, as duas, gloriosas e beneméritas.

Melhor: — perdemos o Colégio; não perdemos ainda esse reduzido grupo de boas vontades, onde contamos verdadeiros amigos e grandes artistas na formosíssima arte de Mozart!

Fiel à voz do Criador, ela aí está a Natureza com os primeiros acordes dessa divina sinfonia da primavera. Mas uns dias, estaremos na Páscoa.

Queremos nós dizer: — vem aí a quadra das festas. As lindas festas de Melgaço..

Jornal católico, revivendo as horas altas de vida, de alegria, da mocidade das nossas terras e as manhãs de culto esplendoroso das igrejas e capelas de Melgaço, não nos resignamos a passá-las, sem a nossa banda de Melgaço.

Nunca lhe faltamos! Também agora, nas ante-vesperas das nossas festas, das lindas festas de Melgaço, não lhe queremos faltar.

Foi brilhante, gloriosa e triunfal a carreira da nossa banda.

Não é preciso trazer para aqui recortes de jornais diários, a comprová-lo.

Mas para que duvidar? Nós porque melgacenses, acreditamos nas energias desse dedicado grupo de artistas, a quem todos tanto devemos.

Amigos! Vai começar a quadra das lindas festas de Melgaço.

Não as queríamos, sem a vossa presença!

Em 16 de Março de 1913, realizou-se na Escola Conde de Ferreira, desta Vila, a chamada «Festa da A'rvore».

Foi brilhante pela extinta Banda da Associação, queimou-se muito foguetório e no logradouro fronteiro à capela da Orada, pelos atunos da referida escola, foi plantada a respectiva árvore que teve duração efémera.

No mesmo dia e mês de 1942, foi novamente criado o posto da G. N. R. em Melgaço, cujo posto ficou instalado nas Carvalhças, no prédio que pertenceu ao falecido Francisco Pires, com um efectivo de um 1.º e um 2.º cabos, e sete soldados.

Em 20 de Março de 1879, o «Diário do Governo» publicou um decreto reconduzindo José Cândido Gomes de Abreu na cargo de 2.º substituto do juiz de direito da comarca de Melgaço.

Em 21 de Março de

(Continua na 2.ª página)

ECOS

As Minas...

As Minas... As Minas da Panasqueira...

Foram já muitos os rapazes da nossa terra que receberam carta de chamada para irem trabalhar nas Minas da Panasqueira.

O facto, por um lado, alvorça-nos. A falta de dinheiro e a crise de trabalho que alastra num ano em que a terra nos faltou com o pão, vão ser agora, em parte, atenuadas.

Saudamos os rapazes que partem... e que as Minas lhes deem aquilo de que tanto carecem.

Nova estrada

Consta-nos terem já começado os primeiros trabalhos da nova estrada da

Portela às Minas da Aguielra, feita, segundo cremos, a expensas da Empresa.

E' este um melhoramento que muito vem beneficiar as populações de Fiães, visto que poucos são os que procuram a estrada Melgaço—São Gregório.

Quem nos dera que essa estrada seguisse, até ao Convento!

Quem nos dera que outro ramal nos levasse por Soutomendo, Avelha, Barão, Alcobaca, a Castro Laboreiro!

Videiras americanas

Chamaram os jornais a atenção para o plantio da

(Continua na 4.ª página)

Sessão Missionária

À semelhança dos mais anos, vai realizar-se nesta vila uma grandiosa sessão Missionária. Este ano terá lugar na noite de quinta-feira santa e possivelmente na tarde do mesmo dia.

Haverá uma conferência sobre a epopeia Missionária do Portugal de hoje, sobretudo nas províncias portuguesas da Ásia, por um dos Rev. os F. adres Professores da Faculdade Pontifícia de Filosofia da cidade de Braga. E no fim um empolgante filme Missionário, terminando com a crucifixão dos Mártires, que derramaram o seu sangue em defesa da sua Fé.

Na poeira dos arquivos

Alguns livros do mosteiro de Fiães

O convento de Fiães é dos mais antigos da Península. Não tanto como o de Ganfei, por exemplo, ali em Valença, pois data, segundo os testemunhos mais optimistas, do século V.

Não admira. De Braga, cidade notabilíssima, nessa época, saíam diversas estradas romanas, tantas quantas deviam pô-la em contacto com as cidades mais importantes da Península: uma delas metia em direcção a Prado, onde se bifurcava, seguindo uma por via fluvial através do Cávado até aos portos de Fão (os célebres Cavalos de Fão).

Aqui, esta, por sua vez, dividia-se em duas, seguindo a primeira em direcção a Viana do Tui; a outra, em direcção ao Porto e, através do litoral, com rumo a Lisboa e ao sul.

Deixamos a estrada romana, em Prado, a que seguia pelo interior, galgando a serra até Paredes do Coura e ao depois baixava em direcção a Valença para vadear o Minho com rumo a Orense e Astorga e outra com rumo a Lugo.

Como se vê, Tui era cidade famosa, antiquíssima, ponto de passagem obrigatório para diversas partes e não admira que esses admiráveis estrategas que foram os monges de S. Bento tivessem ocupado, desde o alvorecer da sua existência, um dos pontos obrigatórios do norte.

(Continua na 4.ª página)

Efemérides Melgaço na literatura

(Continuação da 1.ª página)

1-27, foram aprovados os estatutos da Associação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

Em 22 de Março de 1864, o dr. Vicente das Neves Gomes Elias foi empossado de juiz de direito da comarca de Melgaço, sendo o 4.º juiz da mesma.

Faleceu em Agosto de 1897, quando se encontrava a fazer uso das águas de Mondariz, na Galiza. Era então Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Em 27 de Maio de 1916, acusado de ter promovido uma reunião política no Povo, foi julgado no Tribunal de Melgaço o rep. Francisco Fernandes, de Covaletos Roucas.

Foi condenado em 30 dias de multa, de \$50 por dia, custos e selos do processo. O seu defensor, dr. António Francisco de Sousa Araújo, apela da sentença para a Relação do Porto; mas, por hoje, nada lhes sei dizer do resultado deste recurso.

Para concluir acrescentarei que em 31 de Março de 1898, se celebrou com grande pompa na Matriz da Vila de Melgaço, o casamento do dr. António Joaquim Durães com a sr.ª D. Emília de La-Salette Barros.

Mário

P. S. — Na última efeméride do número anterior, em vez de 1-14, saiu 1941. Os algarismos estão trocados; mas o número não está nos títulos.

M.

FOLHETIM DE «A VOZ DE MELGAÇO» (11)

REI OU IMPOSTOR?

Crónica portuguesa por J. T.

Tudo se dispuzera com a energia e prontidão que caracterisavam os actos de Filipe II, que em 21 de Maio, se apresentou pessoalmente em Badajoz para verificar a sua invasão

em Portugal. Em vão o bispo de Coimbra e D. Manuel de Melo correram a ele, pedindo-lhe que esperasse alguns dias a resolução das cortes e não nos affligisse com a guerra. Tu-

No último número fizemos referência à Exposição do artista melgacense, San Payo, que está obtendo um exito sem precedentes no Palácio Foz, em Lisboa.

Queremos também referir-nos ao novo livro do nosso conterrâneo, sr. P. António Luiz Vaz, escritor que já publicou os seguintes livros:

Juventude de 1940, ensaio literário, fillosófico e histórico
O Santuário de N. Senhora da Peneda, monografia do santuário

Mestre e Precursor, biografia do famoso arqueólogo P. Martins Capela

Chama que Renasce, romance

Em Espanha, crónicas de viagem àquele país.

Acaba de publicar um novo romance «Castelo Imperfeito» o 2.º do triptico, que se propôs escrever.

A acção decorre em Melgaço, mais exactamente em Lamas do Mouro e trata-se duma obra de real valor.

Lembremos que «Chama que Renasce» decorre também na nossa terra, exactamente em Fiães e assim poderemos avaliar quanto nos é agradável notar que Melgaço está a ser objecto de especial carinho por parte de seus filhos.

Além de «Maria dos Tojos» que deu origem a um filme embora situado (o filme) em Soajo e de um drama de João Correia de Oliveira, passado também em Castro não sabemos de mais ninguém que nestes últimos anos se tenha ocupado do nosso concelho com a ternura do sr. P. A. Luiz Vaz, que podendo e acaso deventou servir-se de elementos mais à mão por estar em contacto directo com eles, no entanto preferiu servir a sua e nossa terra com um trabalho sério e que ficará como testemunho dum amor real, de factos e de obras, dos tais que o tempo não destrói nem a maldade dos homens desfaz.

Barbara agressão

Paderne, (Barral), 11 — No dia 3 do corrente pelas 19 horas quando António Caldas, de 51 anos, natural e residente no lugar do Barral, freguesia de Paderne já meter água a uma sua propriedade chamada «Santos do Rio», situada num sítio ermo da freguesia de S. Paio, foi covardamente agredido à sacho-lada por Alípio Gomes, solteiro, de 27 anos, natural e residente no lugar do Convento, da freguesia de Paderne, que naquele local se encontrava escondido à espera da sua vítima.

Depois de lhe ter fracturado um braço, que o agredido levantou para de-

fender a cabeça, procurou arrastá-lo para um ribeiro que ali corre.

Se não fosse a intervenção duma pessoa que ali apareceu, teria conseguido os seus intentos.

O agredido ficou em mau estado e seguiu para o Porto a fim de ser operado.—C.

S. Paio, 2

Há dias foi inaugurada no local do *Outeiro*, desta freguesia, uma taberna pertencente ao sr. José Domingues, da Rosa.

—Chegaram, há dias, da França os srs. Fausto Augusto e Venâncio Alves.

do foi inutil. A ambição impetuosa do monarca castelhana repugnava demonstrar. A condescendência que teve com aquelas súpplicas foi mandar avançar o seu campo que em 11 de Junho estava já sobre Olivença, Campo Maior e Elvas.

Por este tempo espalhou-se a noticia de que estando em Santarém o prior do Crato, D. António, af o haviam proclamado rei, celebrando missa o uncio do Pa pa,

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanificio para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercearias, Vinhos finos e Espumoso

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquillidade»

— Encarrega-se de instalações eléctricas — A máxima seriedade nas suas transações.

SOCIEDADE

ANIVERSARIO

— Faz anos no próximo dia 23 a sr.ª D. Rufina Pinto. Nossos parabens.

NASCIMENTO

Em 6 do corrente, deu à luz uma robusta criança do sexo feminino a Esposa do sr. dr. Domingos da

Costa Fernandes, merecíssimo Juiz de direito desta comarca.

Tanto a mãe como a recém nascida estão bem.

Ao Sr. Dr. Juiz, e bem assim a sua virtuosa Esposa, «A Voz de Melgaço» apresenta sinceros parabens.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Acompanhado de sua Esposa, tem estado entre nós o sr. Ernesto dos Passos Ferreira da Silva.

— Também vimos nesta vila o sr. Pedro Manuel Rodrigues Ferreira, de Alvarado, motorista na capital.

— A seu pedido, foi comandar a Secção da G. F. de Matosinhos o sr. tenente Manuel Antonio Correia Zilhão, que durante algum tempo comandou, com muita competência, a Secção da G. F. desta localidade.

Oxalá que permaneçam por cá algum tempo.

— O sr. P. e Manuel Joaquim Domingues, da Carpinteira, continua a ensinar a doutrina às crianças na sua capelinha.

— Começou a Quaresma, dando-se inicio em todas as capelinhas desta freguesia à devoção do Santo Rosário.

— As serras apresentam-se com os seus matos alvinitentes pela primeira vez neste ano.—C.

levantando-se pendões e praticando-se as demais cerimónias usadas nas coroações dos reis; e que depois à frente de trinta mil homens entrava em Lisboa, ocupava os paços chamados do tesouro e apoderando-se do estandarte real, afugentava os governadores, que foram fortificar-se em Setúbal, donde também foram logo expulsos pelos partidários do nosso rei. Foi por isso que Filipe 2.º empreendeu e activou mais a conquista

de Portugal, e não se esqueceu do procedimento, já então sacramental, e ainda hoje respeitado pelos revolucionários modernos, de se anatematizarem mutuamente os príncipes dos campos inimigos.

(CONTINUA)

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

O TEMPO E A AGRICULTURA

Durante a última semana de Fevereiro findo, ventou e choveu copiosamente; não tendo estes temporais causado dano. Estamos a 9 do mês e até esta data o tempo tem se mostrado até benigno. Quanto a trabalhos agrícolas está a fazer-se com incremento a plantação de batata, havendo já pessoas (embora poucas) que as tenham nascidas.

Há também abundância de hortaliças, muito especialmente grelos, e as demais culturas da época continuam de bom aspecto. Aproxima-se a Primavera e as árvores prepararam-se para vestir as suas meliores galas: As flores que dão o mel às abelhas e a azeitua aos lavradores.

PESCA

Apesar das chuvas copiosas que tem caído, não tem sido abundante a safra da pesca no rio Minho.

Tem saído apenas algumas lampreias, que se tem vendido entre 20 e 25\$00, cada, poucos sábies, e salmões só temos conhecimento de terem sido pescados dois; um em Remoães, que foi apreendido pelas praças do posto da Armada desta Vila, por a respectiva pesqueira não estar devidamente documentada, e outro em Alvaentada, e outro em Lisboa ao preço de 90\$00 o quilo (dizem).

MERCADO SEMANAL

Teve um tempo magnífico, boa concorrência e regular abastecimento ao mercado semanal realizado ante-ontem (dia 4) nesta vila.

Informa-nos a nossa diligente «reporter» que havia ali milho a 84\$00 o alqueire de 30 litros; centeio, idem, idem; batata semente, idem, a 60\$00; feijão o branco a 30\$00 a medida de 5 litros; feijão frade a 18\$00, igual medida; cebolas, muito espigadas, a 2\$50, o resto (um quilo pouco mais ou menos); galos, galinhas e frangos a partir de 30, 25 e 15\$00 cada, respectivamente; ovos entre 7 e 8\$00 a dúzia; avançados molhos de couves a 1\$00; idem de grelos, pelo mesmo preço; e laranjas a 2\$00, a dúzia. E o mais nos não disse.

BATATAS

Com grande regosijo, registamos nestas colunas a notícia da chegada a esta vila para o conceituado comerciante sr. António Pedroso de Lima de algumas dezenas de toneladas de batatas estrangeiras, são e saborosíssimas, as quais este honrado comerciante tem vendido ao público ao preço da tabela, ou seja a 1\$60 o quilo.

E' de louvar a atitude do referido comerciante, tanto mais de louvar é que vivemos numa época em que raros são os negociantes que nas suas transacções se contentam com lucros inferiores a 50 o/o.

PEIXE

Encontra-se novamente interrompido o abastecimento de peixe fresco ao concelho. A razão desta anomalia não a sabemos. Altos desígnios de Deus...

FALECIMENTOS

Na sua residência, à rua da Calçada, faleceu em 25 de Fevereiro findo, com 69 anos de idade, o sr. Lido Artur do Paço, antigo cocheiro, ainda do tempo em que o comboio não passava de Valença e pessoa muito conhecida neste concelho.

O saudoso extinto, que serviu de testemunha quando fomos registado no Registo Civil desta comarca, era pai das sr.as Maria Teresa e Ana Cândida do Paço e do sr. António Augusto do Paço, e sogro do nosso particular amigo sr. António Pinto Rodrigues, aos quais apresentamos sentidos pésames.

O seu funeral teve lugar no dia seguinte e foi extraordinariamente concorrido.

Paz à sua alma.

Também faleceram no Hospital da Misericórdia Joaquim Teixeira de Sousa de 25 anos, de Penso, e José Fernandes de 66 anos, de Porto-Carreira, Fiães.

Em 2 do corrente, faleceu em Monção, com 54 anos, o sr. António José Amaral, sargento da Guarda Fiscal, que durante algum tempo prestou serviço na Secção desta vila, onde grangeou gerais simpatias. Deixou viúva a sr.ª D. Antonia Torres Amaral. Sentimos.

Gave, 4

Foi com Fevereiro, que os altos da serra da Penada e Soajo se cobriram de neve.

A chuva tem sido abundante e o granizo, este ano, não falamos.

Os adágios de Fevereiro também não foram atropelados.

Faleceu, no passado dia 10, no lugar dos Coelhoos, a pediate Rosa Gonçalves, conhecida, vulgarmente, por «Branca».

Que Deus a tenha chamado para junto de Si.

Estão para receber, brevemente, o 7.º Sacramento da Igreja os seguintes senhores: Armando de Carvalho e Esmeraldina de Caldas; António Enês e Maria Domingues; Amadeu Domingues Machado e Delisa Rodrigues; Abel Alves e Beneditina de Carvalho; Armando Enês e Laura Rodrigues.

Há muitos proprietários que e endereçam as águas para os seus prados pelos camishos públicos.

Era justo que a Junta da freguesia tomasse severas medidas contra tais indivíduos.

Segundo nos informam, o fontanário da Veiga vai ser remodelado. Merecem, portanto, os nossos parabéns as autoridades que para tal concorreram com os seus esforços e com a sua boa vontade.

Já passou o célebre e turbulento Carnaval de 1950. Felizmente que só não estão satisfeitos o fumeiro, a salgadeira e a adega. Eu fui um dos seus maiores inimigos.

Parada do Monte, 7

No dia 8 de Fevereiro deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª Rosa Esteves esposa do sr. José Maria Alves, do lugar da Trigreira.

Com a bonita idade de 89 anos faleceu o sr. António Esteves, do lugar da Aldeia Grande.

Também faleceu no dia 5 de Março, o sr. Caetano Esteves do mesmo lugar. As famílias enlutadas enviamos as nossas sentidas condolências.

O tempo tem corrido magnífico para a agricultura. Tem chovido bastan-

te e há esperanças de este ano ser um bom ano agrícola. — C.

Prado, 7

Em 27 do mês findo faleceu no lugar ne Cerdelelo a sr.ª Libana Dantas, de 68 anos de idade. O seu funeral foi muito concorrido. Que repouse em paz.

Ainda se não conseguiu descobrir o autor do furto a que nos referimos na nossa última correspondência, embora o «suguito» não deva ser estranho a esta freguesia.

Já o aqui dissemos — se o não dissemos foi porque o linguado se extraviou na Redacção ou algures — e hoje repetimo-lo! — Faz-nos imensa falta um fontanário na sede da freguesia ou no lugar da Serra, visto que chega a ser vergonhoso esta gente andar a mendigar o precioso líquido pela casa alheia... e não deve ser difícil nem despendioso a captação de água para o mesmo.

Estamos certos de que não deixarão de nos atender nesta nosa tão justa e legítima aspiração.

Teve baixa notável o preço do vinho nesta freguesia. Assim no estabelecimento comercial do nosso amigos sr. Aurélio e Lobato está a vender-se a 2\$00 o litro, — uma «pinga» de se lhe tirar o chapéu. — C.

Rouças, 9

Continua ótimo o tempo para as atadas, que prosseguem com toda a intensidade.

Por notícias vindas do Brasil, sabemos que o nosso amigo e conterrâneo, de Surribas, sr. José Oliveira Salgado, regressa ainda neste mês a esta freguesia.

Pelo sr. Vitorino Esteves, da Cabana, foram oferecidos para a Igreja cem escudos.

Começaram as obras de reparação do muro do cemitério.

Parece que vão começar brevemente as primeiras obras da Avenida da Igreja, feitas a expensas da freguesia.

Na Igreja paroquial desta freguesia, uniram-se em matrimónio, nesta semana, Duarte Rui de Abren-

te e há esperanças de este ano ser um bom ano agrícola. — C.

Laura e Nazareth Breia, a quem desejamos uma venturosa lua de mel.

No passado dia 8, partiu para a França o nosso amigo Domingos Alves, de Cabreiros, a quem desejamos boa viagem.

Encontra-se gravemente doente o querido amigo sr. António Alves, de Paço, a quem desejamos prontas melhoras.

Já regressou do hospital de Melgaço a sr.ª Maria Fernanda, de Surribas, que veio muito melhor dos seus padecimentos.

Tem saído já vários rapazes para as minas da Panasqueira. E dali regressou com alguma demora, o nosso amigo, José Estêves, de Loviô.

A Juventude Feminina faz agora um peditório nesta freguesia, para vestir algumas crianças na Páscoa. Tem sido bem recebidas por todos.

No dia 26 de Fevereiro foi baptizada uma menina, filha de Manuel Pereira Pinto e de Maria Rosa Gonçalves, de Corções, a quem foi posto o nome de Felizmina.

Fiães, 10

No dia 7, faleceu no lugar do Fulão, Maria Rosa Vaz, de 33 anos de idade, deixando 3 filhos o mais velho de 9 anos, aos cuidados do pai, Manuel Alves, que se encontrava a trabalhar em Lisboa, donde foi chamado por telegrama, para vir assistir ao funeral da esposa. Chegou no dia 8.

O funeral que se realizou no dia 9, foi muito concorrido, desde o Fulão até Fiães, onde repousa no cemitério do Convento. Paz à sua alma, e sentidos pésames à família enlutada.

No dia 8, houve missa do 1.º aniversário, pela alma de Rosa Vaz, que foi do lugar do Faval. Paz à sua alma.

No dia 4, chegou a esta freguesia, vindo Brasil, o Manuel Estêves, do lugar do Fulão. — C.

Loduvina Martins Dentista

Consultas em Monção, todas as Sextas e Sábados.

Na poeira dos arquivos

(Continuação da 1.ª página)

Ganhei teria, portanto, sido escolhida muito cedo: Fiães só mais tarde, quando os cristãos refluiam novamente sobre os terrenos conquistados aos mouros, fixando-se na terra de ninguém.

A data seria de 850, na altura em que o Extremo, ali na garganta que se abre sobre os vales de Monção e Arcos, era de facto Extremo entre cristãos e muçulmanos.

Estes nunca se fixaram acima do Mondegô ou mais exactamente aquíem Douro; os cristãos, por sua vez, conservaram mais ou menos intacto, à parte razias periódicas dos mouros, o território que se estende desde o rio Minho às Astúrias.

O Extremo, no alto, era bem a divisória entre dois mundos: na Galiza e Astúrias, estavam os cristãos; além Douro, eles, os inimigos; Entre Douro e Minho, nós, gente da Terra de Ninguém, sujeitos às razias dos mouros e não defendidos pelos cristãos, nós que tínhamos já constituído um reino, o dos Suevos e que tínhamos de contar conosco para a nossa própria defesa.

Não éramos eles, cristãos que haviam fugido e nos abandonavam à nossa sorte; nem eles, os inimigos, que perseguiram: éramos nós, o futuro Portugal.

Se o leitor tiver presente a serra de Fiães, minarete que desafia as nuvens e descobre uma infinidade de quilómetros desde lá de cima até Galiza e Minho fora, a perder de vista, saberá por que motivo os monges escolheram aquele lugar inóspito e inacessível.

Não resta dúvida no meu espírito: eles, que escolhiam sempre solidões ricas de solo e de água, ao fixarem-se em Fiães, terra batida por ventos desviados de inverno, desejariam ser como postos avançados da cristandade em Terra de Ninguém.

Sentinelas atentas ao que se passava no vale, dariam sinal de qualquer investida inimiga e pronto se moveriam em direcção à Galiza, fugindo ao inimigo. Ao mesmo tempo, os monarcas podiam entregar-se à vontade à reconstrução da cristandade, pois eles avisariam em caso de perigo.

Mas que têm isto para os tais documentos?

Parecia-me indispensável descrever o clima histórico e geográfico da terra, para explicar a existência de tantos documentos inéditos, aos quais nos referimos em breve.

A. Lúiz Vaz

Um macróbio D. Estefânia

Gomes

Notizam os jornais que em 23 de Fevereiro passado, faleceu, em consequência dum acidente, na cidade de Santa Rosa, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, Manuel José de Brax, português, de rija tempera, natural de São João de Vila Chã, concelho de Ponte da Barca, e que contava nada menos de 134 anos de idade. — Cento e trinta e quatro anos de idade !!!...

Este Manuel José de Brax orgulho do nosso Minho, se tivesse boa memória, havia de ser uma autêntica enciclopédia...

Centos e trinta e quatro anos !!!...
Usa-tel...

No passado dia 20, partiram para o Brasil, onde fixaram residência, a Senhora D. Estefânia Gomes, de São Gregório e Ex.ma Família.

Desejamos boa viagem a quem tanto se interessa pelo bem da sua Terra.

O Monte do Facho, com a sua capelinha hão-de lembrar pelos tempos fora esta bondosíssima família, que tanto se lhe dedicou.

E C O S

(Continuação da 1.ª página)

videira americana e consequente multa pelos cavalos indevidos.

Todos os melgaçenses conhecem a atitude que o jornal «A Voz de Melgaço» tomou ao longo duma crise grave. Todos conhecem o nosso pensamento e acção.

Mas leis são leis e nós devemos respeitavelmente obedecer até porque as multas são pesadas.

Multas de vinhos

Nesta primeira semana de Março, estiveram no concelho alguns fiscais de vinhos, que fizeram vistoria a bastantes adegas.

Consta-nos que foram multados vários lavradores, pela falta de manifesto dos uesmos.

Não podemos desculpar as faltas ao cumprimento dos seus deveres, mas o ano que vai, rigoroso e inclemente, subreúdo pela falta de trabalho e dinheiro leva nos a pedir clemência.

Nós sabemos que as leis tem de cumprir-se. O nosso jornal tem concorrido largamente para esclarecer algumas delas. Mas o ano, que corre, a todos nós pede clemência.

Aqui fica o nosso respeitooso apelo às dignas autoridades.

Amigos! Vamos a isto!

Era um lavrador seguro, devotado, e ardente. Não era ainda a idade do adubo químico... Mas o nosso lavrador tinha uma junta de bois, nédios, bonitos, bem tratados. E tinha uma filha que o seguia a ele para o campo, com a mesma ardente paixão: — fazer com que o terra lhes desse tudo, tudo.

Bons amanhos, bons e fartos adubos de curral, boas regas e muito trabalho... E as terrs luziam...

— Querem V. Ex.cias ver?

Os vizinhos, preguiçosos, sem paixão pela terra, não trabalhavam convenientemente. E a terra não produzia...

Ardiam os vizinhos em inveja.

— Que não! Que não podia ser... O que o outro lavrador e a filha tinham

no campo era, isso sim! obra de feitiços...

Foi a questão para o Tribunal.

E no dia marcado o nosso lavrador leva para o Tribunal a filha e a junta de bois, nédios e bonitos.

E quando o digno juiz (foi no tempo dos Romanos) o convida a defender-se o lavrador levanta-se e afirma:

— Trago a V. Ex.cia, Senhor Juiz, os meus feitiços, esta arte mágica de tirar à terra tudo o que nos pode dar: a minha fi-

lha que a encontro sempre a meu lado, nos campos, a trabalhar, e o meu gado.

Os meus feitiços são eles e o meu trabalho. Eu trabalho, Senhor Juiz!

Amigos Lavradores! — Vamos a isto!

Vamos começar novamente os trabalhos preliminares das nossas lavou-ras. E assim, à portuguesa, mangas arregaçadas, ânimo valente, alto e ardente como as nossas serras, cuspidno nas mãos. Vamos a isto! — E' pela nossa Terra!

A Romaria da Peneda

(Continuação da 1.ª página)

Não lhes vou falar da grande romaria de Santo António de Val de Poldros, na freguesia em que me encontro, porque me podem tomar por parcial.

Quero dizer-lhes a minha impressão da romaria do São Bento de Fiães.

Eu estive lá de pequeno, quando frequentei a escola primária da Adedela. Voltei lá em 1947. Fiquei surpreendido de ver muito povo, muita animação, muita gente dos montes e da ribeira e não ver uma única dança em toda aquela extensa avenida.

Confesso que foi para mim uma surpresa, por estar habituado a ouvir dizer que na raia é difícil de impedir as danças nas romarias.

Fiães fica junto da raia. Na romaria não me lembro que estivesse qualquer força de guarda.

Como então? muito simples. O rev.do pároco pediu aos seus fregueses para não saírem das normas estabelecidas nesta matéria. O povo de Fiães foi atencioso para com o seu abade e cumpriu o seu dever de povo cristão, no que merece elogios. O povo de fora não foi menos respeitador das recomendações feitas aos fregueses de Fiães, e o meu amigo P. Lourenço ao fim da romaria mostrava-se muito satisfeito pela correcta atitude de todos os romeiros.

Porque não há-de ser assim em todas as outras romarias?

Roma e Pavia não se fizeram em um dia. Nós, católicos, precisamos de pensar a sério e cristiani-

zar as nossas romarias imprimindo-lhes aquele brilho compatível com a freguesia que professamos e pondo de parte o que é menos consentâneo.

Um ditado fala em ir a Roma e não ver o Papa e outro em ir à missa e não ver os Santos.

De romarias podemos dizer que muitos vão a elas e não chegam a entrar no templo e muito menos a oferecer o seu donativo para as despesas que se fazem.

E querem saber? São, por vezes, estes os que se mostram mais exigentes e mais de satisfazer, porque veio uma música que não presta, quem se pôto fogo, não se fazem melhoramentos no local etc.

Se os santuários se levantaram e se conservam é devido aos donativos dos que lá vão por espírito de penitência, e não à custa dos dançarinos.

Riba de Mouro 10 de Março de 1950

P e Bernardo

Livros

DE CIENCIAS E ARTES ROMANCES sempre grande variedade LIVRARIA

DO

«Diário do Minho»

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILÁRIO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO IV

MELGAÇO, 1 de Março de 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 19

A Lavoura em marcha

Nesta velha Europa, que a Religião Católica fez grande e agora se retalha em ódios como afirmava, há dias, em solene discurso o eminente pensador e catequístico, Dr. Pacheco Amorim, nesta velha Europa, dizíamos, a Lavoura tem sofrido gravíssimos revezes. No mundo do trabalho manual, são os operários que mais preocupam os Governos. E sua ascensão aos próprios domínios da Política foi mais rápida e clamorosa.

Há nações em que eles mandam.

E temos de confessar que no domínio das realidades sociais fizeram incommensuráveis avanços.

Mas a Lavoura não!

As conquistas sociais da Lavoura em toda esta velha Europa são mais lentas, vagarosas. Tarde se chegará ao fim.

Raros são os países, raríssimos, em que ela, a grande esquecida, vive, já não dizemos em completo desalago, mas em simpatia.

A França, que vê grandes parcelas do terreno abandonadas pelos seus proprietários, que procuram as cidades, as fábricas, teve de dedicar à Lavoura uma grande atenção.

Vejamos hoje o que o Conselho da República pede ao Governo nos domínios da Lavoura:

«O Conselho da República convida o Governo a elaborar e a por rapidamente em prática, um programa da política agrícola inspirado nas directrizes seguintes:

- 1.º — Acelera a evolução técnica da Agricultura, condição indispensável a uma política de libertação de trocas;

- a) por uma política ouvida de equipamento e modernização, especialmente pela criação de um fundo de equipamento rural autónomo, pela instituição de programas plurianuais e pela aplicação imediata das disposições da última linha do art.º 4 da lei n.º 49316, de 8 de Maio de 1949, permitindo o recurso aos créditos;

- b) pela colocação à disposição da Caixa de Crédito Agrícola de fundos su-

ficientes para outerga de empréstimos sociais destinados ao progresso do habitat rural, fixação de jovens à terra e seu acesso à pequena propriedade;

- c) pela intensificação da investigação agrónómica e pela propaganda, tendo em vista a vulgarização das técnicas modernas, particularmente pelo estabelecimento da Direcção de Informações do Ministério da Agricultura e pelo desenvolvimento da instrução agrícola post-escolar.

- 2.º — Prosseguir numa política de sustentação dos preços agrícolas conforme o programa de expansão e orientação da produção, especialmente pela organização da «stockagem» (reservas) e seu financiamento, pela manutenção do sistema de garantias para as produções essenciais e pela procura intensiva de mercados exteriores.

- 3.º — Garantir a independência da mutualidade agrícola pelo voto do seu estatuto.

- 4.º — Tomar todas as disposições tendentes ao desenvolvimento e organização da cooperação agrícola pelo voto do seu estatuto.

- 5.º — Reduzir o afastamento entre os preços dos produtos agrícolas.

- 6.º — Reduzir a margem entre os preços dos produtos agrícolas destinados a consumo.

Mais uma vez se verifica, que não é apenas no nosso País que se advoga um plano de produção agrícola e uma política de protecção para a agricultura. A aspiração, é, por assim dizer, geral.

« Notícias de Melgaço »

Festejou o 21 aniversário o nosso colega local. Por este motivo felicitamos «Notícias de Melgaço» e desejamos-lhe longos anos de vida.

Novos assinantes de «A Voz de Melgaço» Em pról da nossa terra

António Augusto Pires, Estado do Rio, Brasil; António Narciso Gomes, Rio de Janeiro, Brasil; António José Esteves, S. Paulo, Brasil; José Felizardo Soares, Rio de Janeiro, Brasil; José Manuel Doutreiro, Rio de Janeiro, Brasil; Francisco da Silva Teixeira, Melgaço.

A todos muito gratos pela gentileza.

Efemérides

Em 2 de Março de 1388, estando a vila de Melgaço sitiada pelas aguerrias hostes de D. João I de Portugal, foi travado no campo dos silitanos o celebre duelo entre a lendária Inês Negra e uma matrona da Vila apelidada «Arrenegada» que tomara o partido de Castela.

A este torneio, que seguiu do a tradição se travou na presença da rainha D. Filipa de Lencastre, que então se achava hospedada no Real Mosteiro de Fiães, faz referência Fernão Lopes nos seguintes termos: — «e em esse dia escaramuçara duas mulheres bravas, hã da blla, e outra do arrayal, e andaron ambas aos cabellos, e venceu a do arrayal».

No dia imediato a este combate singular, que por sinal era segunda-feira, D. João I entrou triunfante na praça de Melgaço.

Em 4 de Março de 1900, foi entronizada na Igreja Paroquial de Prado a imagem do Senhor dos Passos, adquirida por iniciativa do então reitor daquela freguesia, rev. Francisco António Gonçalves. A bênção da referida imagem teve lugar no capelinho do Reguengo donde saiu em luzida e magesta procissão.

Faz agora a cincoenta anos que isso foi...

... Ainda eu cá não estava, apesar disso, parece que estou a ver meu falecido pai, com os seus 15 anos, todo ufano conduzindo um

(Continua na 3.ª página)

Na poeira dos arquivos

Um dos mais belos sonhos da minha vida é reunir elementos que facilitem escrever a história da nossa terra.

Não fora ela das mais notáveis debaixo do ponto de vista histórico e quemquer poderia aventurar-se a fazer-lha em meia dúzia de anos. Fiães, Paderne, Melgaço, conventos, castelos, solares, tribunais, santuários — o que aí vai de trabalho, de consulta, de noites e anos consecutivos de lida em pról da investigação histórica duma terra notável debaixo de todos os pontos de vista!

Filho de Melgaço, a quem trabalhos doutra ordem levaram a bibliotecas e arquivos, foi-me possível folhear alguns documentos interessantes que projectam luz sobre o passado da nossa terra.

De há muito fiz o propósito de, nas horas vagas, consultar alguns desses documentos a fim de aproveitar o que se me afigurasse útil para a vida do concheio. Não me tem consentido as ocupações, cada vez maiores, dedicar a tais estudos o carinho que sinto por eles. Não será agora também que isso acontecerá.

Pude, no entanto, tomar contacto com velharias de todo necessárias ao conhecimento do passado da nossa terra e pode acontecer que outros as desconheçam. Para que alguém com mais vagar e cultura possa um dia trabalhar definitivamente neste assunto, aqui lhe deixo meia dúzia de elementos que podem ser-lhe úteis, se acaso ainda os não descobriu.

Pela minha parte, confesso, nunca posso agradecer devidamente a quantos me ajudam a reunir os materiais de qualquer obra, a que tenha metido ombros, até porque a gente perde anos de vida em descobrir o que outros já conhecem há muito.

A partir do próximo número, se Deus quiser, os leitores podem contar com uma secção quinzenal — ai de mim! — sem o brilho do meu querido amigo e erudito investigador, que é o sr. P. Manuel António Bernardo, a quem Melgaço e Monção tanto devem em investigação histórica e em trabalhos definitivos sobre o assunto.

Sabendo-se que ele partiu do nada — pois os materiais encontram-se espalhados a mesmo — nem se sabe por onde... — mais valioso é o seu trabalho, porque mais difícil.

Não há número nenhum em que eu não leia as secções com que nos deleita e de todas as vezes fico mais impressionado com o saber, a cultura e o carinho, que dedica a estas coisas.

Muito curiosas, também, as efemérides que o nosso amigo Valdemar reúne com paciência beneditina e tão interessantes todas elas!

Os meus agradecimentos a ambos e que o primeiro vingue reunir em breve os materiais necessários ao livro que traz entre mãos para bem da cultura nacional e da nossa terra.

E até à próxima vez, se Deus quiser. Os leitores verão quais os documentos que existem na Biblioteca Distrital de Braga relativos ao convento de Fiães e ficarão com imensa pena de não terem tempo, como eu, para estudar e publicar aquela soma de factos que tanta luz projectam na história local.

A. LUIZ VAZ

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

O TEMPO E A AGRICULTURA

Após a temerária sem- pre vem a bonança.—Ei-lo o velho ditado e confir- ma-o a experiência, pois assim, depois do rigoroso temporal que nos primei- ros dias do mês assolou esta região, fomos beneficia- dos com lindos dias soa- lheiros; se bem que em 14 do corrente fosse-mos no- vam nte fustigados por im placável temporal que con- tudo não causou estragos.

Os trabalhos agrícolas da época, podadas e atadas, estão praticamente terminados, excepto, claro está, os dum ou outro desleixado, que este aguar- dam sempre a «última moda».

As culturas, hortas, cen- teais e pastagens, conti- nuam com aspecto ani- mador.

Val o ano bem come- çado, graças a Deus.

MERCADO SEMANAL

No mercado semanal realizado em 18 do corren- te nesta vila, appareceu ape- nas hortaliça, para planta- ção e consumo, batata-se- mente e... pouco mais.

Appareceu, contudo, al- gum milho da região a 84\$00 o alqueire de 30 li- tros, o que vem a dar 3\$50 por quillo; centeio também appareceu algum pelo mes- mo preço; feijões não vi- mos; batata-semente a 70\$00 o referido alqueire; galos, gallinhas e frangos a partir de 30, 25 e 15\$00, cada, respectivamente; ovas a 7\$50, a duzia, o que já nos permite fazer umas omelet's mais avantajadas; e (uma novidade!) cara- paus a 2\$40 a duzia; o res- tudo uma miséria.

FALECIMENTOS

Faleceu nesta vila, com 77 anos de idade, a sr.^a Mariana da Costa, sogra do nosso estimado assi- nante sr. Raul Ferreira Car- doso, distinto e acreditado artilheiro.

— Também faleceu no Hospital da Misericórdia a sr.^a Carolina Marques, de 66 a os de idade, da vizi- nha Freguesia de Prado.

A todas as Famílias en- lutadas enviamos sentidos pésames.

PROFILAXIA URBANISTICA...

Nunca o camartelo mu-

nicipal agiu tão bem como desta vez...

Lembra-se os estima- dos leitores daquele «patí- bulo» que se erguia em frente do estabelecimento comercial do nosso amigo sr. Hilário?

Pois o desalmado, por estar ali a mais e a fazer indecente e má figura, foi levado na onda da limpeza. Abençoado camartelo.

C PEIXE

Depois dum inexplicá- vel «interrégno», de cerca de três semanas, voltou novamente a apparecer o pes- cado das praias de *nostros hermanos*, cuja presença era aqui mais que desejada. Regosijamo nos com o facto.

NOTICIAS PESSOAIS

Já se encontra na casa de Galvão a sr.^a D. Rufina Pinto, que como recente- mente noticiamos fora ao Porto passar algum tempo na companhia de seus ex- tremosos filhos.

— Foi transferido para a delegação Concelhia da I. G. A. dos Arcos de Val- devez o sr. Rui Rodrigues do Vale, o qual exerce en- tre nós, alguns anos, igual cargo, com muita profici- ência.

— Fazem anos:—no pró- ximo dia 4, o sr. Manuel Faustino; no dia 7, a sr.^a D. Clarice da Aota Solhei- ro Pinto; no dia 13, o sr. Victorino Esteves (Caba- na); no dia 12, a sr.^a D. Maria Amélia Vaz Pinhei- ro; e no dia 13, o sr. Anto- nino Arsénio Gomes Pin- heiro. A todos «A Voz de Melgaço» apresenta o seu cartão de par. bens.

CONSELHOS ÚTEIS

Em Março faz se a de- claração dos prédios acaba- dos de construir, modifi- cados ou melhorados; os que tenham a pagar con- tribuição industrial grupo C, os empregados sujeitos ao imposto profissional, e os que exerçam profissões liberais também devem fazer, neste mês, as respec- tivas declarações.

— Quanto a hortas, meus amiguinhos, é agora uma ótima ocasião para se semearem: abóboras di- versas, alfaces para verão, beringelas, beterrabas, ce- nouras, couves diversas (in- cluindo couve-flor), ervi- lhas, feijões (meados do

mês em diante), linho, pi- mentões, rabanetes, salsa, tomates, etc etc.

Intensifica-se a planta- ção de batatas.

Fôda, enxertia e limpe- sa de árvores de fruto, transfega de vinhos, etc.

Quem ceda em Março vindima no regaço.

Prado, 22

No dia 14 pretérito, furtaram aos comerciantes e nossos amigos srs Au- gusto de Sousa Lobato e Auélio Domingus, prop- rietários do antigo esta- belecimento «Bon Marche» sito no lugar da Serra, desta freguesia, a impor- tância de 2.500\$00, apro- ximadamente. O larápio ocultou-se dentro do refe- rido estabelecimento onde aperou que os proprietá- rios fossem cear para de- pois proceder à «limpeza». Até à data, ainda se não conseguiu saber quem fosse o autor da proeza.

— Em 16 do corrente, faleceu no Hospital da Misericórdia a sr.^a Carola- na Marques, de 66 anos de idade, do lugar dos Rapôços.

O seu funeral realizou- se no dia seguinte para o cemitério desta localidade e nele se incorporou a Ie- mandade do SS. Coração de Jesus bem como muito povo.

Sentimos. — Teve início no passa- do dia 15 a época da pesca no rio Minho. Logo nesse dia saíram algumas lam- preias que se venderam à razão de 20\$00 cada.

— Fazem anos no pró- ximo dia 12 a sr.^a D. Maria Amélia Vaz Pinhei- ro, virtuosa esposa do Ex.mo sr. Herculano Arsénio Gomes Pinheiro, muito digno chefe da Se- cretaria Municipal deste concelho, e no dia 13 seu filho sr. Antonio Arsénio Gomes Pinheiro. A am- bos apresentamos os nos- sos parabens anticipados, com votos ardentes de que tão faustiva data se repita por muitos anos. — C.

Rouças, 23

Com demora de alguns meses, partiu para o Bra- sil, no passado dia 20 o

nosso amigo, sr. José Oli- veira Salgado, de Surri- bas. Desejamos-lhe boa via- gem. Ao partir contemplou a igreja paroquial com avultado donativo.

— No passado dia 12 foi baptisada uma menina, do lugar de Cavaleiros, fi- lha de Eduardo Dantas e Generosa de Lurdes Afonso. Foram padrinhos os avós maternos.

— Da Senhora D. Leo- nídia Passos Pereira, do lugar dos Mo'nhos, Pader- ne, recebeu a Comissão en- carregada do culto em San- ta Rita, a quantia de 100\$, oferecidos pelo sr. Albe- rto Passos Pereira.

— Foram muito con- corridos os turnos de ado- ração na Igreja, no Domín- go e terça-feira de Carna- val.

Começaram às 9 horas e terminaram às 18. As 15 houve adoração para todos.

— No próximo dia 2 quinta-feira é o aniversá- rio das almas nesta freguesia.

— No dia 13 feveteiro faleceu em Bilhões a sim- pática velhinha, Maria de Sousa, ceguinha há já muitos anos.

— Está para breve o casamento de António Domingues, da Vinha de Cima, com a menina Maria José Esteves, da Carreira. Bem como, o casamento de João Manuel Rei, de São Paio, com a menina Lindovina Es-

teves da Carreira também e irmã da Maria José. Muitas felicidades.

— Continua a lutar-se com falta de trabalho, o que prejudica gravemente os operários e artistas desta freguesia.—C.

Fraças, 23

Partiu hoje para França o Sr. Oliveiros Esteves da Adavelha, marido de Maria Esteves Calçada. De- sejamos-lhe boa viagem.

— Encontra-se bastante doente o Sr. Joaquim Esteves Calçada; a Ada- velha, bem como Maria das Dores Marques; da Ades- dela, a quem desejamo- prontas melhoras.

— Na passada terça- feira realizou-se o aniversá- rio do saudosa Maria Rosa da Quingosta.

— Na passada segunda- feira foi baptisado um me- nino, filho de Alvaro Gon- çalves e Eugénia Esteves, do lugar da Jugaria, a quem foi posto o nome de Carlos de Jesus.

— Encontram-se em péssimo estado de conser- vação os canos que ser- vem a parte da Adedela, contando-nos que os tran- seuntes b-bem a água in- gorinada da levada.

(Continua na 3.a página)

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO
(Casa fundada em 1927)

Lanificio para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brique- dos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercearias, Vinhos finos e Espumoso

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

— Encarrega-se de instalações eléctricas — A máxima seriedade nas suas transações.

Efemérides Fiaes, 23

(Continuação da 1.ª página)

guião e também minha fa- xori descendência legítima. lecida mãe, com os seus 10 Os seus bens pertencem ano, vestida de branco, fa hoje aos herdeiros de Gas- sendo parte do coro de vir- par Alves. gens que se incorporou na procissão.

Quando a referida pro- cissão chegou à ponte da Crôca, limites da freguesia, dau-se ali o encontro com a imagem de N.ª Senhora das Dores e, num púlpito improvisado, foi proferido um brilhante sermão pelo rev. Francisco José Dias, de Queirão.

Em 8 de Março de 1641, D. João IV, por alvará, fez mercê ao D. Abade de Fides de um convento principiado no Campo da Feira de Barcelos; porém os frades de Fides não quiseram abandonar o seu mosteiro nem perder antigos privilégios e não aproveitaram.

E, para terminar, direi que em 12 de Março de 1941 finou-se na sua "Casa da Boa Vista", em Rolijas, Manuel Correia Feijó, fidalgão de fina estirpe. Contava 86 anos de idade e não dei-

ABC de Se- Paços, 28

Rebemos da D. I. C. I. Federação das Caixas de Previdência um formoso opúsculo com o título supra.

Lemo lo vagorosamente e achamos interessante pelo que nos mostra de realizações no campo social português. É certo que ainda estamos muito longe da meta mas nós lembramo-nos de que se partiu do nada.

Oxalá que todo o jovem e todas as classes possam enfrentar com segurança e optimismo o seu futuro, no campo das realizações sociais.

(Continuação da 2.ª página)

— No dia 23, chegou a esta freguesia, o sr. Abílio de Jesus Rodrigues, do lugar da Boloada, vindo da França.

— No dia 27 haverá uma missa do 2.º aniversário, pela alma de Maria Albina Esteves, que foi do lugar de Aedela. Paz à sua alma.—C.

No passado dia 20 realizou-se na igreja desta freguesia, o casamento de Luís Ferreira da Silva, com a menina Glória Alves.

BAPTISADO — Com o nome de António Manuel Bailão, baptisou-se na igreja desta freguesia, um menino, filho de Sana Monção Pereira e de José de Jesus Bailão.

— No passado dia 25 partiu para Lisboa, Hispani Esteves, do lugar das Virilheas.—C.

Loduvina Martins
Dentista

Consultas em Monção todas as Sextas e Sábado.

Uma glória da nossa terra San Payo vai expor no S. N. I.

San Payo, o fotógrafo mais discutido e apreciado de Lisboa, vai expor, no próximo dia 8 de Março, mais duma centena de trabalhos seus, broméleos, clorobroméleos e broméleos, numa exuberante parada de imagens, que reafirmam o temperamento do grande artista que é.

Interessante de simplicidade; a Câmara escura, donde saem as obras primas de San Payo. Frascos, máquinas de ampliar, tintas, água... tudo aquilo é duma simplicidade tocante, chegando a ser impossível como surgem trabalhos tão artificiosos como são os saídos das mãos de San Payo.

É curioso que San Payo se destinava a outra carreira. Frequentou até ao último ano o Seminário Conciliar de Braga. Chegou a ser contemporâneo do nosso director o Mons. Avelino Gonçalves, P.º Domingos Basto, P.º Luís Castelo Branco, dr. Ferreira Pedras, etc. Foi aluno de D. Agostinho de Jesus Sousa, dr. Elias de Aguiar, D. António Bento Martins Júnior.

Em 1909, depois de abandonar os estudos, em-

barcou para o Rio de Janeiro, onde foi tentar a vida comercial. Mas a sua vocação não era essa, e empregou-se num laboratório de fotografia, na qualidade de retocador. Mais tarde, presentindo as qualidades artísticas, matriculou-se no Curso de Pintura da Escola de Belas Artes do Rio, onde foi companheiro de Margarida Lopes de Almeida. Não concluiu o curso. Foram seus mestres Modesto Brocos, Baptista Costa e Morales de los Rios.

Manuel Alves San Payo assim é o nome completo do artista, usou nas Terras de Santa Cruz o pseudónimo que adoptou, mais tarde, como apelido, no tempo em que escrevia versos, publicados na revista carioca O Malho. San Payo, usa-o como homenagem à sua encantadora aldeia, ali para as bandas de Melgaço, onde possui uma eternecedora casa.

"Letras e Artes" de "Novidades,"

Assine «A VOZ DE MELGAÇO»

FOLHETIM DE «A VOZ DE MELGAÇO» 11

REI OU IMPOSTOR?

Crónica portuguesa por J. T.

Confuso e cheio de curiosidade saiu o médico, sem mais esperança para esclarecer suas dúvidas, do que o que agora pudesse colher de D. Francisca, quando se lhe apresentasse de novo na Torre Velha. Fez o que premeditou. Poucos dias depois viram-se e conversaram largamente. Mendo Pacheco declarou-lhe a suspeita que tinha de haver curado el-rei D. Sebastião; mas a dama, sorrindo alegremente, o importunava com perguntas sobre o estado do doente. Entretanto não escapou ao médico que ela lhe perguntasse se entre os que acompanhavam o ferido vira seu marido. A resposta foi negativa, e respondeu a verdade. Nisto ficaram ambos, sem que se adiantasse cousa alguma no particular das confidências. Despediram-se. Mendo Pacheco para recolher a Lisboa, trazendo

mil protestos de agradecimento pelo serviço que prestara; D. Francisca, para ficar, ao que mostrava, mais tranquila e esperançada no retiro em que vivia. Ainda que o médico nada tivesse podido averiguar, nem por isso deixou de referir a amigos a aventura e as dúvidas em que entrara. Passou de boca em boca a relação, que depois se converteu em evangelho, assegurando-se à boca cheia, que D. Sebastião vivia ainda, e que o licenciado Mendo Pacheco o curara em Guimarães; doença que em pouco chegou a tal extremo, que nas cortes, que D. Henrique convocou, e em que foi jurado rei, apareceu um escrito em que se assegurava isso mesmo. O progresso destas ideias pareceu ao cardeal-rei que devia atalhar-se. O licenciado Mendo Pacheco foi preso. Interro-

gado, referiu lhanamente o que lhe sucedera, não só diante do juiz, mas também na presença do rei, que quis ouvir o caso da própria boca do médico. As provas de ser ele o autor do escrito apresentado às cortes, e o propagador da notícia de que D. Sebastião vivia, eram difíceis de colher, e não se colheram. Mas Mendo foi lançado numa gale com grossa cadeia, ainda que dentro em pouco se lhe aliviu esta pena e se lhe incumbiu o tratamento dos forçados enfermos.

Ao cabo de algum tempo obteve a liberdade; mas castigo foi este, que por então acalmou alguma cousa os boatos do vulgo, ainda que não pode tirar-lhe absolutamente a ideia de que D. Sebastião vivia e andava escondido.

VII

Curtíssimo foi o reinado do cardeal-rei. A 31 de Janeiro de 1580 dava ele a alma ao Criador, sem que as cortes do reino tivessem demarcado terminantemente o direito de sucessão. Os governadores, a quem o rei encarregava em seu testamento o cuidado e governo de Por-

tugal, reuniram cortes com esse fim; mas por então apresentou-se D. António em Santarém, esforçando-se por chamar a si alguns dos procuradores, como aqueles próprios atestam nestas suas palavras: —Estando o d. to D. António condenado e desnaturado, sem nossa licença e autoridade se veio meter na vila de Santarém, acompanhado de muita gente sediciosa e rebelde, induzindo os procuradores das cortes a rebeliões e desobediências, encaminhadas todas a levantá-lo rei. — Por outra parte a todos recordava Filipe II os seus direitos, e exigia o empossassem dum reino que, dizia, Deus determinara lhe pertencesse por direito incontestável; oferecendo-lhes liberdade e apoio, se assim o praticassem, ou ameaçando-os de o tomar pela força se lhe resistissem.

Os governadores, vendo que a mal levavam os portugueses submetter-se aos castelhanos, buscaram mil pretextos para espaçar a crise. Tudo, porém, foi baldado. Filipe II, cujo carácter não sofrira inuteis dilacões, saiu de Madrid a 5 de Março para dispor pessoalmente

a expedição e tomar por força a coroa portuguesa, encarregando do comando deste exército o duque d'Alva, valente e inflexível general daquele tempo. Os aprestos para a guerra corriam com prontidão. Eram tais e tamanhos, que bastariam a conquistar em pouco tempo, não Portugal, mas também reinos maiores. Quereis formar ideia desses preparativos formidáveis que tanto cuidado deram a nossos pais e os venceram porque antes de tudo lhes quebrantaram os ânimos? —Lede estas poucas palavras de uma carta datada de Merida a 7 de Abril de 1580: — «Passam oitenta peças de artilharia, muita cavalaria e infantaria em número de sessenta mil homens; no mar há cem galeras e quatrocentos navios, e na costa de Biscaia e Galiza mais de seiscentos mil quintais de biscuito, quinzentas mil fanegas de farinha e muitas munições.»

(CONTINUA)

Do alto do Pernidelo | A Romaria da Peneda

Arvores gigantes da Califórnia

Aqueles que me conhecem sabem sobejadamente da minha indiferença por tudo que não seja de Melgaço. Não sou egoísta, mas os assuntos alheios à nossa querida terra pouco ou nada me interessam.

De esta vez, porém, acontece que sou obrigado a abordar um desses assuntos. Desculpem-me.

Foi o caso que recentemente em cavaco ameno com um amigo falou-se de árvores. Então eu disse-lhe que na América havia algumas cujo tronco mede de diâmetro 15 metros e até mais.

Claro que aquele meu inestimável amigo fitou-me com uns olhos de comisseração, sorriu-se, e... não mo disse, mas suponha que ficou a pensar lá para com os seus botões que o Mário está filiado no "Grémio dos Aldrabófilos".

Ora, para confirmar o que disse aquele meu estinado amigo traduzo, tão bem que mal, de **LECONS DE GEOGRAPHIE**, por J. Ferré et H. Hauser, o seguinte trecho de leitura, já por sua vez traduzido por Emil Berdau de *Die Riesenbäume Kaliforniens, ihr Wesen und ihr Schicksal*. — *Petermanns Mitteilungen*, 1902. (Gotha, Justus Perthes, ed.).

«Não se pode fazer a menor ideia do trabalho colossal que é necessário para abater uma destas árvores gigantes da Califórnia. Com o machado e a serra seria impossível alcançar resultado apreciável. Para se separar o tronco do pé pratica-se, pois, em torno deste uma série de furos, convergentes ao centro. As brocas são movidas a vapor e fazem cinco a dez voltas por minuto; não se pode andar mais depressa para não partir em cada furo dezenas de brocas e perder assim um tempo infinito a sacar os fragmentos.

Quando a perfuração se pode fazer sem incidentes — o que é muito raro e são necessárias algumas semanas de trabalho contínuo — preciso se torna fazer com que o tronco, que repousa sobre um "cepo", de 6 a 15 metros de diâmetro, tombe.

Foi, pois, assim que para separar da base um dos gigantes californianos «Old Hercules» (o Velho Hercules) cinco homens gastaram trinta e sete dias. Quando termi-

naram gastaram ainda cinco dias para colocar cunhas dum lado do tronco e inclinar a árvore para o ponto onde devia tomar. Estas cunhas eram troncos de árvores de 50 a 60 centímetros de espessura, aguçadas e protegidas por uma carapaça de ferro na ponta. Mesmo após a colocação de 24 cunhas deste género, o gigante não mexia e os trabalhadores desesperavam já de o conseguir abater. Não se podia fazer uso de explosivos para não danificar o tronco.

Que fazer?

Estavam os lenhadores a tomar a sua refeição no interior da sua barraca quando um vento ligeiro começou a soprar, ao qual eles não prestaram atenção por estes ventos serem frequentes na Califórnia. De repente ouviu-se um ruído análogo ao dum tempestade de granizo ou dum duzia de combóios rápidos. Um dos lenhadores safou da barraca para ver o que se passava. Entrou apressadamente, pálido como um morto, gritando aos seus companheiros que fugissem o mais rápido possível; — «Old Hercules» está a cair e a cair precisamente sobre a barraca.

Os trabalhadores fugiram. Puderam ainda afastar-se 150 yards (o yard é uma medida linear inglesa, que vale 0,914) pois que a árvore caía lentamente e a sua copa levou um minuto a tocar no chão.

As consequências foram terríveis. A uma meia légua inglesa (833 metros) em redor, o solo vacilou como se fosse um tremor de terra. A barraca dos lenhadores ficou esmagada, 174 árvores, cujo diâmetro variava entre 0,30 e 1,20, voaram e estilhaços. Formou-se uma clareira e «Old Hercules» cubria-a com seu caule e suas ramagens.

O tronco media 107 metros, e tinha na base 71 metros de circunferência. A espessura da casca, a três pés da raiz, era de cerca de 1,50.

Aplicando o teorema temos, pois, que o tronco da referida árvore media na base 22,5 metros.

Mário

Muitos vão à Peneda e a outras romarias para se divertirem.

Quando a legítima Autoridade Eclesiástica se propôs reduzir ao mínimo os arraiais noturnos e procurar que os diurnos fôsem menos contrários à nossa Religião, houve quem apregoasse aos quatro ventos que a Religião acabara e os culpados eram os bispos e os Padres.

Para muita gente não era admittível que prestasse uma festividade sem uma ou mais bandas de música a tocar toda a noite, a gente até de madrugada em danças e ballados, o ar iluminado por demoradas sessões de fogo etc... Pouco importava que os templos manifestassem falta de zelo, que fosse preciso recorrer a em-

préstimos por não haver as alfaias precisas e que até às vezes se pedisse ao clero para fazer a esmolinha de não cobrar os emolumentos devidos em festividades com duas excelentes bandas de música e alguns contos de fogo de artifício, porque havia pouco dinheiro.

Muitos encarregados de festas nem sequer entravam no templo, e na Peneda, quando eu era pequeno, comentava-se a attitude de certos mesários que nunca eram vistos em qualquer função religiosa e apenas iam à Igreja, à tar-

e mais as outras...

VII

dinha, esvasiar as calças das esmolos.

Na Peneda, ou em qualquer outra parte, isto ficava mal e destoava, porque, afinal, o principal objectivo de uma romaria deve-se honrar a Deus e aos seus Santos, e, desde que se trata de solenidades religiosas, é a legítima Autoridade da Igreja que deve traçar as normas a que obedecem os festejos.

Tratando-se de festas cristãs, quem é cristão deve respeitar as ordens emanadas da legítima Autoridade Eclesiástica, e quem não é cristão deve conservar-se alheio a estas coisas, e conservar-se alheio não significa proceder em contrário, mas, antes, ou não concorrer às festividades ou adoptar a correção, que fica bem a toda a gente, de não contrariar os programas elaborados por quem promove as mesmas solenidades.

No caso da Peneda, em concreto, a Mesa elaborou o programa da romaria segundo as INSTRUÇÕES especiais que o Sr. Arcebispo Primaz deu em 1935, instruções elaboradas com perfeito conhecimento de causa pois que S. Ex.ª Rev.ª tinha visitado pessoalmente o Santuário em setembro do ano anterior permanecendo ali nos dias de maior concorrência.

Os mesários desempenham as funções inerentes a seu cargo: elaboraram o programa segundo as ditas INSTRUÇÕES e procuraram que ele se cumprisse. Quem se dirigiu à Peneda deveria ter tomado conhecimento desse programa que nas suas linhas gerais é o mesmo há já vários anos. Uma vez conhecido o programa, quem lhe servia lá e em quem lhe não servia ficava em casa. Isto penso eu.

Quem estas linhas escreve mora relativamente perto da Peneda, passou lá parte da sua infância, e não costuma ir à romaria. Porém? Por uma razão muito simples: não concorda que a dita romaria admita dentro dos limites do Santuário esses divertimentos cuja redução fez manifestar certas críticas moraes.

Mas eu espero voltar à romaria da Peneda quando seja de lá banda a maior parte desses divertimentos reprovados pela Igreja. E eu recordo com pesar os últimos dias da romaria da Peneda de 1944 em que minha saudosa mãe, ferida de doença mortal no decorrer das novenas, gemia no leito da agonia atormentada pelo infernal barulho dos divertimentos...

Riba de Moura, 25 de Fevereiro de 1950.

P. Barnardo

Grande desastre

na Estrada de Melgaço a Castro

Castro Laboreiro, 25

Quando no passado dia 14 subia de Melgaço para esta freguesia a camionete de feirantes pertencente aos sr. José Albano Fernandes e Francisco António Fernandes ambos desta freguesia, ao cruzar com outra camionete de carga no local denominado Volta Grande da freguesia de Cubalhã, atingiu a berrada da estrada e como esta não oferecesse resistencia derivado ás grandes chuvas que ultimamente tem caído nesta região, esbarrou-se, indo estalar-se por uma ribanceira abaixo, projectando-se a 100 metros de distancia proximo dum a cõrça, tendo morte instantâneo Domingos Domingues, de Várzea-Travesa e morrendo a caminho do hospital de Melgaço um dos proprietários da camionete sinistrada, de nome Francisco António Fernandes.

Ficaram feridos todos os seus passageiros, à excepção de uma mulher cuspidá para sitio mais feliz nada sofrendo, apenas o susto.

Destacam-se com ferimentos de maior gravidade os seguintes individuos: Ernesto Martins Izidoro, motorista de braga, com ferimentos na cabeça, contusões multiplas e choque traumático; Eduardo Ferreira de 33 anos, da Peneda, Arcos de Valdevez, com fractura da perna esquerda e braço direito e Augusto Joaquim Vaz, comerciante em Lamas de Moura também com fractura da columna cervical. Além destes foram feridos mais dois segulantes individuos:

José Albano Fernandes, outro proprietário da camionete, Isaura Esteves, ambos de Castro Laboreiro, Armando da Ressurreição Rodrigues e Justino José Martins, de Lamas de Moura. Os primeiros tiveram de seguir imediatamente para o Porto depois dos primeiros curativos feitos em Melgaço e os segundos depois de socorridos pelo Sr. Drs. Esteves e Saavedra, regressaram a suas casas, por serem de menor gravidade os seus ferimentos.

Os restos mortais dos malogrados sinistrados vieram para esta freguesia no dia seguinte em cortejo fúnebre no pronto-socorro dos Bombeiros de Melgaço.

Ao chegarem à igreja paroquial desta freguesia deram-se lencenas lacinantes com as viúvas das vítimas, que devido a serem atacadas com sincopes constantes não puderam conter os seus sofrimentos pelo que não puderam contemplar os restos mortais dos seus maridos. O Francisco, deixa a viúva e 4 filhos menores, todos de tenra idade.

A camionete está coberta pelo Seguro.

Ambas as vítimas eram muito estimadas nesta freguesia, havendo a destacar a figura de Francisco Fernandes, pela maneira agradável e respeitadora com que tratava toda a gente que tomava lugar na camionete, sendo sempre incansável em satisfazer as necessidades do publico, com um à-vontade excepcional, sendo considerado competentíssimo no desempenho do mister que desempenhava.

« O Século »

Este importante diário da Capital organiza um valioso concurso no total de 2.000 contos de prémios, a distribuir profusamente. Já estão em distribuição as Caderetas de «O Século» para o «Construo dos Namorados», nome porque é conhecido. Agradecemos o envio de duas cadernetas.